

Fila mais que dobra em dois meses

FILA MAIS QUE DOBRA EM DOIS MESES

No país, 1,5 milhão aguarda o benefício. Rio tem o maior número de famílias à espera

FERNANDA TRISOTTO, JOÃO SORILMA NETO E MARITHA IMENES
 @FERNANDA1980 @JOSORILMA @MARITHAIMENES

A fila de espera do programa Auxílio Brasil mais que dobrou em dois meses e chegou a 1.568.728 famílias em julho. O aumento foi de 105%, ou mais 803.930, na comparação com maio. O Rio é a cidade que tem mais pessoas à espera do benefício, segundo dados oficiais obtidos pelo GLOBO via Lei de Acesso à Informação (LAI).

Na capital fluminense, há 83.620 famílias na fila. Em seguida, vêm as cidades de São Paulo (46.954), Fortaleza (38.402), Belém (24.780), Manaus (21.452) e São Luís (14.108).

Na opinião do economista Marcelo Neri, diretor da FGV Social, o aumento da fila do Auxílio Brasil tem duas explicações. Primeiro, há um empobrecimento geral das pessoas no Brasil, inclusive nas grandes capitais. O outro fator é que o valor do benefício subiu de R\$ 400 para R\$ 600, o que acaba atraindo mais gente, incluindo famílias que ficaram sem qualquer ajuda financeira após o fim do auxílio emergencial.

—Essa fila é resultado desse empobrecimento da população nos últimos dois anos. E também da oferta de um auxílio mais generoso — diz Neri, lembrando que, embora o desemprego esteja caindo, a renda das famílias continua a ser afetada pela alta do custo de vida. — Como o Estado brasileiro não consegue aumentar a oferta de proteção social, a fila cresce.

De acordo com os dados, o Rio de Janeiro é também o estado com mais famílias aguardando a ajuda: 251.304 no total. São Paulo vem na sequência, com 201.444, e depois a Bahia, com 172.353.

Para Neri, a fila de espera maior no Rio ainda é reflexo da pandemia:

— O Rio foi muito afetado pela pandemia e enfrenta três fenômenos principais: população mais velha, alta informalidade e impacto trabalhista.

No caso dos idosos, o economista lembra que há uma parcela numerosa dessa população que vive em situação de vulnerabilidade no Rio. Além disso, a economia é

muito ancorada na informalidade, área que demorou mais a se recuperar dos efeitos da pandemia. E a queda da ocupação no estado foi uma das maiores do país.

PERDA DE BEM-ESTAR

As filas de espera do Auxílio Brasil são formadas por pessoas que atendem aos critérios de inclusão no programa social, mas não eram contempladas com a transferência de renda por restrição orçamentária. A maioria, quase 91%, é de famílias extremamente pobres, o que significa que têm renda mensal inferior a R\$ 105 por pessoa.

Essas famílias vão integrar o programa a partir de agosto, por causa da promulgação da PEC Eleitoral, que instituiu um estado de emergência no país, permitindo o aumento das despesas fora do teto de gastos (que limita o aumento das despesas da União). Ao driblar regras fiscais e eleitorais, o programa pôde ser ampliado em pleno ano de eleições.

A PEC garantiu a inclusão de quem estiver na fila do Auxílio Brasil até agosto e o aumento do valor do benefício de R\$ 400 para R\$ 600. A previsão do governo é que o programa atenda 20 milhões de famílias e custe R\$ 26 bilhões até o fim deste ano.

As medidas só valem até 31 de dezembro, atendendo aos planos eleitorais do presidente Jair Bolsonaro, que busca um novo mandato. No entanto, tanto técnicos do governo como candidatos da oposição já sinalizam que a mudança pode se tornar permanente.

Pesquisador do FGV-Ibre, o economista Daniel Duque pontua que o aumento da fila se deve à pressão nos orçamentos familiares, apesar da recuperação da economia.

Além disso, embora não seja possível comprovar que haja um aumento da demanda pelos benefícios sociais após o auxílio emergencial, é fato que mais pessoas que acessaram o programa anteriormente agora conhecem as regras, e há mais probabilidade de voltarem a pedir ajuda ao governo.

— É possível dizer que há um aumento de volatilidade da renda com a pandemia e, apesar de os empregos terem se recuperado, a inflação tem gerado grande perda de bem-estar para as famílias, fazendo com que haja aumento da fila — avalia.

CAPITAIS SOFRERAM MAIS

Na fila de espera, Wallace Moraes da Silva, de 36 anos, morador de Realengo, na Zona Oeste do Rio, não sabe mais o que fazer para receber o Auxílio Brasil. Por sete vezes ele foi em busca de informações sobre o benefício, inclusive dormindo ao relento para garantir um lugar na fila de atendimento do Rio Poupou Tempo de Bangu, mas até agora não sabe se poderá contar com o dinheiro.

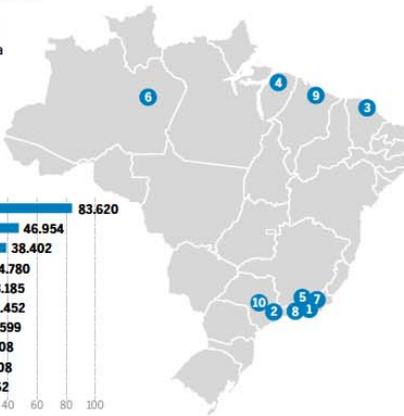
— Fiz minha inscrição em janeiro, e tudo o que escuto é que está em análise. E me enquadro nas condições exigidas para o recebimento. Então por que não pagam? — questiona Wallace, que tem feito biscoitos para levar o que comer para casa. Ele conta que está desempregado desde o início da pandemia:

— Faço bicos aqui e ali para garantir o mínimo. Todas as vezes que venho (ao Rio Poupou Tempo), a resposta é a mesma: a liberação do benefício depende do ministério (da Cidadania).

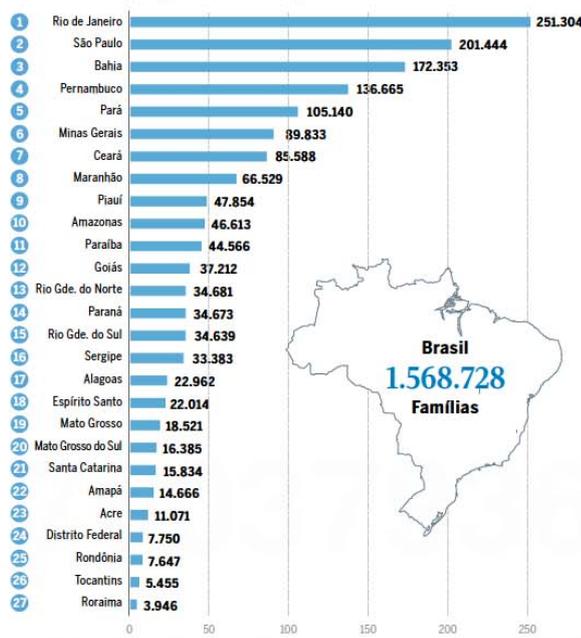
Na lista das dez cidades com maiores filas estão seis

A SITUAÇÃO PELO BRASIL

A maioria, quase 91%, é de famílias com renda mensal inferior a R\$ 105 por pessoa



Total de famílias que aguardam o benefício por estado



Fonte: Ministério da Cidadania via Lei de Acesso à Informação

Editoria de Arte

capitais: duas do Sudeste (Rio e São Paulo), duas do Nordeste (Fortaleza e São Luís) e outras duas do Norte (Manaus e Belém). Além das capitais, fazem parte outros municípios que ficam no entorno. Três são do Estado do Rio: Nova Iguaçu (23.185), Duque de Caxias (19.599) e Belford Roxo (14.708). A outra é Guarulhos, em São Paulo, com 11.962 famílias na fila.

Estudioso do problema da desigualdade, o professor da PUC/RJ e economista-chefe da Genial Investimentos, José

Márcio Camargo, observa que não é surpresa que a pobreza tenha aumentado em todos os lugares do país, inclusive nas capitais. Ele lembra que, na pandemia, as capitais tiveram um aumento muito expressivo do desemprego, com fechamento de bares e restaurantes, e o comércio de rua sendo paralisado:

— Não é surpreendente que tenha havido maior aumento de pobreza nas capitais do que no interior. Mas este (aumento da pobreza) é um fenômeno mundial. Em Nova York, por exemplo, cresceu muito o total de pobres. No Brasil, o PIB caiu quase 5%, e a força de trabalho encolheu 15% na pandemia.

'O DESESPERO BATE'

Desempregada e com uma filha de 5 anos, Samara Marques, de 23, moradora de Cabo Frio, na Região dos Lagos fluminense, aguarda a liberação do Auxílio Brasil. Ela já foi algumas vezes ao Centro de Referência de Assistência Social (Cras) da prefeitura da cidade, mas obtém

sempre a mesma resposta.

— Meu nome ainda não consta do sistema, apesar de já ter feito a inscrição há três meses. Vivo de favor e não tenho de onde tirar nada. Já pensei em vender até minha geladeira, sabe? O desespero bate — desabafa Samara.

Em julho, o Auxílio Brasil foi pago a 18.134.548 de famílias. Neste novo patamar — pagando R\$ 600 para 20 milhões de famílias — técnicos do governo estimam uma despesa de R\$ 150 bilhões anuais. O antigo Bolsa Família custava cerca de R\$ 35 bilhões por ano.

Duque, do FGV-Ibre, avalia que a expansão do orçamento do Auxílio Brasil é um ponto positivo, mas o programa é muito mal desenhado, porque o benefício ajuda muito famílias pequenas e pouco as famílias maiores, que precisam de mais recursos: — É muito bom ter expansão do orçamento social, mas esses recursos poderiam ter um efeito muito maior sobre a pobreza se tivessem sido mais bem alocados.



Em busca de ajuda, Wallace da Silva está desempregado e já dormiu na fila do Rio Poupou Tempo de Bangu para tentar receber o Auxílio Brasil. "Todas as vezes, a resposta é a mesma: a liberação depende do ministério"

“Fiz minha inscrição em janeiro, e tudo o que escuto é que está em análise. Eu me enquadro nas condições exigidas. Por que não pagam?”

Wallace Moraes da Silva, desempregado

“Meu nome ainda não consta do sistema, apesar de já ter feito a inscrição há três meses. Vivo de favor e não tenho de onde tirar nada”

Samara Marques, desempregada

“O Rio foi muito afetado pela pandemia e enfrenta três fenômenos: população mais velha, alta informalidade e impacto trabalhista”

Marcelo Neri, diretor da FGV Social

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 17